

O NÃO DITO: LEMBRANÇAS DE EX-MILITANTES ENTRE A MEMÓRIA E O RESSENTIMENTO

Lucélia Nárjera de Araújo
Prof^ª. Dr^ª. Regina Coelli Gomes Nascimento
(PPGH – UFCG)
E-mail: lu_narjera@yahoo.com.br)

A década de sessenta do século XX foi um período caracterizado por mudanças significativas na sociedade brasileira, a revolução cultural ou a contracultura marcou demasiadamente as décadas de 1960 e 1970 com transformações na percepção da economia, arte, cultura e valores, que refletiram na alteração de comportamento de uma geração. E do mesmo modo, o advento de um novo modo de vida nos grandes centros urbanos, marcado por profundas transformações no campo dos costumes, com a chegada da televisão, a descoberta de métodos contraceptivos, liberdade sexual. Foi uma época de grande liberação sexual tanto para os heterossexuais quanto para os homossexuais.

Enquanto isto, no Brasil, as mudanças políticas inseridas por uma conjuntura histórica de repressão — instituída a partir de 1964 com os governos militares — contribuiu para o engajamento de sua população jovem na luta contra a ditadura e favorecia a aproximação dos jovens com ideologias de esquerda. É provável que a liberalização dos costumes tenha sido favorecida pelo envolvimento dos jovens brasileiros — representados politicamente pelos estudantes — ao se dedicarem à luta contra os governos militares e ao ideal socialista. Pois, ao se posicionarem contra o sistema político vigente, estes jovens, afrontavam suas famílias e seus tradicionais valores, além de abraçarem novas formas de comportamento. A juventude estudantil, desta forma, se tornou uma força social numericamente expressiva. De acordo com Hobsbawn, os estudantes eram

[...] facilmente mobilizados nas enormes usinas do conhecimento que os continham, deixando-os ao mesmo tempo mais livres que os operários em fábricas gigantescas. Eram encontrados em geral nas capitais, sob os olhos dos políticos e das câmaras dos meios de comunicação. E, sendo membros das classes educadas, muitas vezes filhos da classe média estabelecida, e — quase em toda a parte, mas sobretudo no Terceiro Mundo — base de recrutamento para a elite dominante de suas sociedades, não eram tão fáceis de metralhar quanto as classes mais baixas (HOBBSAWN, 1995, p. 431).

A década de sessenta é considerada por alguns autores como um período de lutas utópicas, sendo o ano de 1968 considerado o símbolo maior da luta democrática. Resultando, assim, num fluxo discursivo que há muito tempo cristalizou uma ideia sobre tudo aquilo que aconteceu naqueles anos envolvendo os estudantes brasileiros, ressaltando o seu heroísmo nas lutas pela liberdade e a sua capacidade de mobilização contra a repressão militar. Conforme percebemos nas palavras de Zuenir Ventura (1988), ao afirmar que em 1968 os jovens participaram dos acontecimentos com uma intensidade nunca vista antes na História; onde a juventude foi protagonista de uma revolução nos costumes, cujos resultados são vivenciados hoje. Ele ressalta

[...] poucas – certamente nenhuma depois dela [geração de 68] – lutaram tão radicalmente por seu projeto, ou por sua utopia. Ela experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais, existenciais, sonhando em aproximá-los todos. (VENTURA, 1988, P.14)

Zuenir (1988) mostra a geração de sessenta como utópica e romântica, que buscava, sobretudo, a felicidade pela mágica da revolução. Uma geração que não percebia limites em suas atitudes. Maria Paula (2007) ao refletir sobre a expressão de Zuenir Ventura mostra que ela significa que o ano de 1968 começa com enormes motivações, grandes propostas e grandes esperanças, mas que fora sufocada pelo Ato Institucional nº 5, ela destaca “Sufocado nos anseios e nas energias liberadas, o ano de 1968 teria ficado, portanto, estranhamente inacabado” (2007, p. 161). O referido ano tornou-se sinônimo de uma rebelião estudantil mundial. Ainda, de acordo com Maria Paula, o símbolo maior foi o maio de 68 na França – em que marca o início de uma onda de manifestações estudantis que envolvem estudantes universitários, professores, intelectuais, artistas, estudantes secundaristas. Analisa que o ano não existiu de forma isolada, ele foi o ponto culminante de uma década de movimentos juvenis que se espalharam por quase todo o planeta. Sobre isso ela comenta

Movimentos muito diferentes irromperam em países com estruturas sociais, econômicas e políticas muito distintas. O que poderia unificá-los? Um sentido radical de liberdade, o culto à ação, o desprezo pelas formas tradicionais da política, a denúncia do autoritarismo. (ARAÚJO, 2007, p.166)

Hollanda (1999) identifica a década de sessenta como um período de intensa mobilização social, onde estudantes e intelectuais desenvolveram uma intensa militância

política e cultural. A geração jovem de sessenta viveu tempos de mutações e rupturas, em que ficou registrado na memória, e, muitas vezes na história, a paixão revolucionária. Mas esta paixão também foi marcada por desilusão, deixando marcas de ressentimentos naqueles que tiveram seu sonho revolucionário barrado pela perseguição do aparelho ditatorial.

Nesse sentido, considerando os anos sessenta e os anos setenta como de mudanças significativas para a juventude, pretendemos neste trabalho analisar relatos orais de memórias de determinados sujeitos que compunham uma parcela da juventude teresinense que vivenciou transformações na política e nos costumes nesse período. Para isso privilegiamos como fonte a história oral, enquanto abordagem metodológica que permite o registro de representações da memória e que consiste, conforme nos ensina Verena Alberti (2010), na realização de entrevistas com indivíduos que participaram, ou testemunharam acontecimentos do passado, possibilitando o conhecimento dos modos de vida de atores de uma geração, e se constitui como fonte histórica intencionalmente produzida, que possibilita reconstituir história de vários aspectos e momentos da vida cotidiana de pessoas e grupos sociais.

Desta forma, a estratégia metodológica baseou-se na abordagem da história oral, com o propósito de perceber quais memórias prevaleceram nas narrativas de alguns atores sociais, que vivenciaram sua juventude como militante e ao mesmo tempo sujeitos receptores de uma revolução cultural; se uma “memória saudosista”- permeada por lembranças de um período marcado pela crença juvenil em mudanças e transformações políticas e sociais no mundo, caracterizado por grandes manifestações protagonizadas pelos jovens nas ruas que clamavam por liberdade e democracia, que ficou mitificado pela paixão revolucionária como “os anos rebeldes”. Ou se estes conservam uma “memória ressentida”, causada por suas experiências traumáticas vivenciadas enquanto militantes engajados na luta contra a ditadura e originada pelas perseguições políticas cometidas pelos órgãos de repressão impostas pela conjuntura histórica de repressão, instituída a partir de 1964 com os governos militares. Ou seja, pretende-se perceber quais lembranças desse período bipolar são mais evidentes. O uso de relatos orais se justifica por esses serem capazes, segundo Alberti (2010, p.163), de transmitir uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em determinada configuração histórica e social.

Consideramos que um dos aspectos da história oral é tornar visíveis experiências individuais e coletivas. Por ela tratar, sobretudo, do registro de como uma pessoa analisa sua experiência. Considerando que o depoimento oral traz à tona lembranças carregadas de subjetividades. Conforme expõe Ecléa Bosi (1983, p.17) que “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. Assim, consideramos o ato de lembrar, não como um ato de reviver algo estático no passado, conservado com sua inteireza, mas como um refazer as experiências do passado com ideias do presente.

Alberti (2010, p.170) também informa que cabe ao historiador estar atento ao fato de significados atribuídos a ações e escolhas do passado serem determinados por uma visão retrospectiva, que confere sentido às experiências no momento em que são narradas. Ressalta ainda que para se trabalhar com a história oral é preciso reconhecer os paradigmas que estão na sua base, e um deles é ter claro que a entrevista não é um retrato do passado.

A história oral pode ser útil para se analisar trajetórias de vida de indivíduos pertencentes a uma geração e para isso precisamos recorrer às memórias desses sujeitos. Para tal abordagem, torna-se fundamental a discussão em torno das relações entre história e memória. Assim, dialogaremos com Pierre Nora (1998, p.9), para quem “a história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais [...] e a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”, sempre carregada por grupos vivos e, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Da mesma forma reflete Michael Pollak ao destacar que a memória também sofre flutuações em função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.

Portanto, ao trabalharmos com a memória das pessoas que vivenciaram momentos difíceis como aqueles dos anos sessenta, no Brasil, e especificamente em Teresina, é importante para se compreender as múltiplas temporalidades, a relatividade das fontes e dos fatos históricos. Lucília Neves assinala sobre os desafios da História Oral

Da relação entre os múltiplos tempos, realidades, pois em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente. Adulto que traz em si memórias de suas experiências e

também memórias a eles repassadas, mas filtradas por ele mesmo, ao disseminá-las. Fala-se em um tempo sobre outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações, em uma narrativa encontrada pelas emoções do ontem, renovadas ou avaliadas pelas emoções do hoje. (2004, p. 276-277)

A ideia da autora coaduna com a ideia de Pollak (1992) de que os sentimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos pelo grupo são elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva. Para nos atentarmos que os acontecimentos vividos pelo grupo podem se estabelecerem nas memórias individuais dos sujeitos que vivenciaram uma militância estudantil na década de sessenta, ao passo que podem se apresentaram como sentimentos “vividos por tabela”, como denomina Pollak (1989). Deste modo, a memória individual do estudante, militante, do prisioneiro se coaduna com a do grupo, da faculdade. Dessa forma perceberemos a memória como coletiva, na perspectiva de Halbwachs que considera a memória individual como parte integrante da memória coletiva

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios [...] a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto. (1990, p.51)

Nesse sentido trabalhar com a memória remete a lembranças individuais que foram urdidas coletivamente e reconstruídas com o passar do tempo, influenciadas pelas representações do presente. Igualmente compreendemos que a memória é um somatório de lembranças de várias pessoas que fizeram parte da nossa história. Pessoas e grupos vivem sua temporalidade de forma distinta, conforme conclui Bosi (1987, p. 448) “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que pertencem como pontos de demarcação em sua história”.

Consideramos que as discussões sobre as ações dos estudantes e dos militantes de esquerda no período ditatorial ainda vem se construindo, os debates em torno dos ideais que direcionaram suas posturas de mobilização vem ganhando relevância pela literatura que analisa o período. Os discursos e imagens que recobrem o movimento estudantil da década de sessenta representam as imagens de subversão de rebeliões de

rua e de uma vanguarda revolucionária; expressão que desperta a ideia fixa no imaginário coletivo da sociedade a partir das experiências estudantis de 1968 nas ruas de grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Tais representações podem estar presentes na memória de alguns militantes que não vivenciaram esses acontecimentos na prática, mas passam a vivê-los por tabela.

A década de sessenta foi revolucionária no mundo, mas existiu no Brasil um ingrediente a mais para as lutas estudantis: a repressão imposta pela ditadura militar. A juventude pulverizou suas reivindicações em lutas que objetivavam todas as formas possíveis de libertação: da liberdade política a liberdade sexual. Havia então um mundo maravilhoso a ser descoberto, oferecendo aos inquietos jovens do período infinitas possibilidades de realização de seus desejos, desde que eles se dispusessem a visitar os seus limites, o que significou para a maioria daqueles jovens, colocar seus próprios corpos a disposição das novas experiências. Por este motivo, o sexo, as drogas, cassetetes, gás lacrimogênio, passaram a fazer parte do cotidiano de muitos jovens, deixando suas mais profundas marcas nos corpos juvenis daquela geração.

As mudanças no mundo e Brasil influenciaram e tornaram possíveis mudanças comportamentais entre a juventude teresinense, que passaram a encabeçar contestações contra a ditadura militar. Mas esse cenário de transformações foi marcado por um misto de nostalgia e frustração, vitórias e muitas derrotas, mortes, prisões e torturas. Perda de referências e criação de novas ideias. Mudança de valores e revalorização de ideias antigas. Conforme podemos observar no depoimento de Antonio José Medeiros

O ano de 1968 foi um ano muito ativo, se antes de 64 até 68 era mais igreja, os intelectuais, esse ano foi um ano de muita mobilização estudantil, e eu comecei a fazer Filosofia [...] nós nos considerávamos em 67 e 68 como um grupo de cristãos católicos de esquerda [...] Eu era da comissão estadual de liturgia e lá tinha uma biblioteca muito boa, a editora Paz e Terra publicava muitos livros na linha da renovação, mais da linha do concílio Vaticano II, do diálogo entre cristianismo e marxismo e a gente tinha toda essa literatura lá e um grupo de mais ou menos 20 a 30 pessoas que participávamos... nós éramos um grupo que nos reuníamos na catequese para discutir esses textos, pra conversar e não tínhamos assim muita atuação política em 67, passamos a ter atuação mais política em 1968, porque a maioria desse grupo entrou na Faculdade de Filosofia onde o ambiente era mais aberto, e num ano que estava tendo muitas coisas no Brasil; tinha passeata dos cem mil no Rio de Janeiro, por causa da morte de um estudante, e o que a gente fazia era o seguinte, a gente fazia muito debate na universidade, a gente nós divulgávamos aqui o material que era publicado...¹

¹ Depoimento de Antônio José Castelo Branco Medeiros, anexado na Monografia. História e repressão: Fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o Regime militar em

Alguns jovens militantes, que encararam o regime militar, construíram uma luta infundável pela realização de suas utopias, luta que se torna perigosa com a configuração do autoritarismo reforçado pela decretação do Ato Institucional nº-5, instituído em 1968. Que aumentou a repressão às vozes dissidentes. Esse processo repressivo desencadeado pelo regime político tentava eliminar todos aqueles que eram considerados subversivos. Assim está presente no depoimento de José Medeiros

Nessa época de 68, nessa grande mobilização estudantil, houve o trigésimo congresso da UNE, da reunião Nacional dos Estudantes que era ilegal. E eu fui eleito aqui delegado para o Congresso da UNE, e fui clandestinamente para o congresso... E lá todo mundo foi preso, inclusive eu...Foi a primeira vez que fui preso....Aí aquilo deu muita repercussão aqui em Teresina... Aí fiquei visado como subversivo porque tinha sido preso em São Paulo, faz parte do movimento a nível nacional etc.... a segunda prisão foi em abril de 69, passamos 17 dias na prisão. Aí a coisa estava começando a ficar perigosa porque tinha havido o AI (Ato Institucional nº 5) em dezembro de 68, aí entrou mesmo uma ditadura mais braba, foi o tempo em que começou a luta armada de alguns grupos [...] mais mesmo assim a gente continuava com muita cautela, o nosso trabalho no movimento estudantil, mais crítica de debate e de denúncia.²

Mas na narrativa dos ex-militantes se faz presente o não-dito, o impronunciável, por fazer parte da memória ressentida, aquela resultante das perseguições impostas pelo regime repressivo. Pois o raio de ação do Estado era amplo o suficiente para detectar os possíveis inimigos do regime, e abrangia qualquer um que fosse considerado “subversivo” ou “comunista”. Assim a autenticidade dos relatos orais se dá na fugacidade das palavras. Como reflete Larrosa (2004), numa leitura de Maria Zambrano, em que estabelece uma diferença entre a escrita e a oralidade: a escrita remonta a uma materialidade cadavérica, sem alma, o escrito está para uma solidez marmórea, pétria e monumental, comparada à fluidez contextual da palavra oral. Existe algo no dito, que só se pode perceber de ouvido, por não pertencer ao sistema da língua. “existe algo na voz que não está na língua, ou talvez melhor, que não está na letra” (LARROSA, 2004, p. 38), existem elementos da voz – o gemido, o balbucio, o

Teresina. Cujo autor é denominado de BORBOLETA. Uso do Pseudônimo se explica por tratar de uma monografia que concorreu ao concurso na categoria de Pesquisa Histórica sobre a realidade piauiense. Concedido em 2008. Ele foi aluno da Faculdade Católica de Filosofia em Teresina, integrou a equipe considerada esquerda católica responsável pela mobilização estudantil dentro da faculdade. Foi preso três vezes.

² Depoimento de Antônio José Castelo Branco Medeiros. 2008.

silenciamento, o tom – que se perde na língua escrita. Para concluir que o que está na voz é o que se sente, e o que está na escritura é o articulado.

Portanto a oralidade é a forma da palavra sempre ouvida pela metade, da palavra, em suma, que se dá em seu passar e que, portanto, permanece inapropriável. Assim nos relatos orais, temos que observarmos as ressonâncias, as variações melódicas e alterações rítmicas que se dá a decifrar o que se sente, mas que é inapropriável no escrito. As expressões faciais que seguem o silenciamento, se manifestam em lembranças não-ditas, que compõem as memórias ressentidas, memórias inconfessáveis – subterrâneas - lembranças da humilhação que gera ressentimento. Para uma reflexão em torno do ressentimento, seguiremos a concepção de David Konstan (2004), que o compreende como um sentimento duradouro, persistente, e que na perspectiva de Pierre Ansart (2004) resulta de um sentimento associado à lembrança de uma humilhação, experienciado pelo amor-próprio ferido, que provoca o desejo de vingança e se dissimula atrás do rancor.

Essas memórias ressentidas podem ser percebidas na narração de perseguições sofridas por ex-militantes, que resultava em rupturas e na frustração de projetos não realizados, pela sua condição de militante. Conforme observamos na fala de Antônio José Medeiros

Fui preso em setembro de 69 e saí em junho de 70...eu tinha sido preso em setembro, perdi o semestre, por falta. E naquela época o regimento da Universidade permitia você fazer segunda época [...] Eu fiz um requerimento para o juiz, e o juiz me autorizou a ir fazer as provas de segunda época em fevereiro de 70. Mas aí, ia um agente do DOPS me acompanhando lá do quartel de polícia pra Faculdade. Na primeira vez ele quis entrar na Faculdade, o agente, aí o padre... disse: “Aqui você não entra, eu me responsabilizo pelo rapaz, você vem até a porta e você me entrega ele, eu lhe devolvo ele na porta”. Na primeira vez o cara não aceitou [...] Houve muita repressão do secretário de Segurança para que houvesse repressão à gente dentro da Faculdade [...] Uma época eu era candidato à presidente do DCE, [...] Pra você ver era todo esse grupo da chamada esquerda católica que estava na chapa. E veio o ofício do Secretário de Segurança [...] que eu não fosse candidato, senão iriam aplicar o decreto 477, me expulsando da Universidade se o diretor não tomasse providência [...] e nós reunimos a chapa e foi melhor sair...³

³ Depoimento anexado a monografia: História e repressão: Fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o Regime militar em Teresina. Concedido em 2008.

Os projetos não-realizados, as humilhações sofridas leva-os a nutrirem sentimentos de indignação, essas memórias de humilhação geram ressentimentos, resultante de uma memória que invade o sujeito mesmo a contragosto, cuja própria revivescência da emoção é um re-sentimento. Essas memórias estão presentes também nos relatos da professora Palmira, que questionada sobre qual o ano em que houve maior perseguição ao MEB – Movimento de Educação de Base, que fazia parte no período, ela responde

Eu acho que foi em 68 o pior [...] o Cleber foi preso; foi lá no MEB, levaram ele com soldados com o fuzil atrás dele.[...] eu fiz História, eu fiz em 70, eu fiz vestibular e eu quase não me matriculei porque na primeira chamada eles exigiam [...] que fosse apresentado um atestado de domínio de idoneidade política, um negócio de política que era dado pelo DOPS e pelo 25º BC, e eu não consegui [...] eles não me deram o atestado[...] Aí quando foi na segunda chamada [...] eu me matriculei, mas eu quase não entro por causa disso.[...] Eu tive vários programas apreendidos [...] Aqui nós de fato sofremos pressões, nossa programação de rádio era toda acompanhada, toda gravada tinha gente mesmo gravando, fomos chamados, várias vezes, a responder por essa programação; eu mesma que fazia a programação tive que comparecer duas vezes no DOPS, duas vezes no 25º BC, a última vez que estive lá eu respondi a um interrogatório...⁴

Esse cenário de mudanças contribuiu para emergência de uma juventude transgressora, em que seus questionamentos se chocavam com o conservadorismo do regime ditatorial. Sendo a história de parcela da juventude marcada por desejo de mudança e intensa mobilização social, em que havia necessidade de destruir valores estabelecidos. Mas sua luta seguia na contramão da realidade dura da política e da sociedade brasileira. Isso gerou frustrações nas expectativas de muitos desses jovens. Seguir com a militância estudantil, mesmo sem participar da esquerda armada, questionar o regime, significava correr riscos que poderiam comprometer o futuro daqueles jovens, o que aconteceu com muitos que foram torturados e assassinados nos porões da ditadura. Refletindo sobre o passado alguns jovens que sobreviveram as perseguições reconhecem que sua luta poderia ter custado seu futuro, como expressa o Professor Fonseca

⁴ Depoimento da Professora Palmira Luzia Soares. Ela trabalhou no Movimento de Educação de Base de 1962 a 1973 (11 anos), cursou História na Fafi em 1970. Presente em anexo na monografia: História e repressão: Fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o Regime militar em Teresina. Concedido em 2008.

eu estava fazendo o científico, presidente do grêmio, grêmio que nós fundamos no ano de 1970, eu fui presidente dele em 70/71, o grêmio de juventude progressista, e a minha militância e atuação nesse grêmio como uma liderança fundadora e tal e presidente e tal, me custou uma expulsão, mas (...), quase que eu tinha a minha carreira de estudante interrompida, como era a lei da época. (...) Eu cheguei na escola, um dia pela manhã para ir (...) e fui à escola e na entrada da escola fui barrado pelo DOPS, dois policiais estavam do lado de dentro da escola, então quando eu me aproximei, eles me impediram de entrar, com as mãos, você não pode mais entrar aqui – mas como? E você não é mais aluno dessa escola (...).⁵

Nos depoimentos analisados percebemos que as memórias resultantes das perseguições sofridas durante a ditadura, as representações, as marcas, os sonhos e frustrações do momento que relembram sentimentos que se mantém vivos em suas memórias - as aqui denominadas de ressentimentos, acabam por sufocar as lembranças vivenciadas do período de transformações culturais, das conquistas de liberdades sexuais, mudanças de estética. A perda das liberdades políticas e de expressão, vivenciadas no Brasil pelos jovens militantes, sujeitos que sofreram repressão por serem considerados suspeitos de atos subversivos, marcou-os e os seus ideais de mudança direcionaram para luta, desviando-os da convivência com o ambiente contracultural do período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *Memórias estudantis, 1973-2007: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX*. Traduzido por Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁵ Antônio Fonseca dos Santos Neto (depoimento cedido em 2004). Teresina, Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí, 2004. 31p. Pesquisado em 14/10/2011.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de babel*. Traduzido por Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NEVES, Lucília. *Os desafios da história Oral – ensaios metodológicos*. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; NASCIMENTOS, Francisco Alcides do (Orgs). *Cidade, História e Memória*. Teresina: EDUFPI, 2004.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História – História e Cultura, PUC/ SP, n. 17, 1998.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou – a aventura de uma geração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

DISSERTAÇÃO

BORBOLETA. *História e repressão: Fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o Regime militar em Teresina*. 2008.